

FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO: A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR MEDIADOR.

Renata Junqueira de Souza, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” –
Doutora - UNESP/CELLIJ, recellij@gmail.com
Gabriele Góes da Silva, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” –
Mestranda - UNESP/CELLIJ, gabiabc@hotmail.com
Beatriz Alves de Moura, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” –
Graduanda - UNESP/CELLIJ, beatriz.a-moura@hotmail.com

Resumo

A maneira como o professor atua pode interferir no processo de compreensão e apropriação do livro, daí a necessidade desta interferência ser intencional e resultado de reflexões sobre sua prática, desta forma, seu desempenho será enriquecedor para formação dos leitores. Temos como objetivo apresentar a importância do mediador professor, pois como sabemos, para formar um leitor é preciso ser leitor, o professor que sente prazer na leitura terá mais facilidade em despertar o mesmo prazer em seus alunos, daí a importância em compreender quem são os futuros mediadores de leitura, são eles leitores? Nos embasaremos nos dados apresentados pela pesquisa “Leitura nas licenciaturas: espaços, materialidades e contextos na formação docente”, financiada pelo Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (PROCAD), realizada em 2015, cujo sujeitos de pesquisa foram 455 primeiranistas dos cursos de licenciatura em Letras e Pedagogia das universidades brasileiras: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (campus de Marília, Assis e de Presidente Prudente), Universidade de Passo Fundo e Universidade Federal do Espírito Santo. Referente ao âmbito escolar, os dados coletados apontaram em 72,3 % o professor como sendo um dos mediadores mais influentes na formação leitora dos entrevistados. Tal informação concretiza a influência e a relevância da atuação do professor em sala de aula para formar o leitor literário, claro que este papel não se limita a ele, já que essa mediação pode ser realizada em casa, numa relação de adulto e criança, assim como com os professores que desenvolvem trabalhos de leitura, sendo eles também sujeitos leitores, bibliotecários que orientam a leitura e também o espaço biblioteca, quando bem preparado para realizar o texto. Diante dos dados podemos debater a importância da mediação e práticas de leituras e, também, da formação continuada dos professores, uma vez que são eles os responsáveis pela formação leitora dos alunos.

Palavras – chave: Literatura. Mediação. Formação leitora.

Abstract

The way the teacher acts can interfere with the process of comprehension and appropriation of the book, hence the need for this interference to be intentional and result of reflections on its practice, in this way, its performance will be enriching for the formation of the readers. We aim to present the importance of the mediator teacher, because as we know, to form a reader it is necessary to be a reader, the teacher who enjoys reading is more likely to arouse the same pleasure in his students, hence the importance of understanding who the future mediators of reading, are they? We will base ourselves on the data presented by the research "Reading in the degrees: spaces,

materialities and contexts in teacher education", financed by the National Program for Academic Cooperation (PROCAD), held in 2015, whose subjects were 455 first-year undergraduate courses in Literature and Pedagogy of Brazilian universities: Paulista State University "Júlio de Mesquita Filho" (campus of Marília, Assis and Presidente Prudente), University of Passo Fundo and Federal University of Espírito Santo. Regarding the school scope, the collected data pointed out in 72.3%, with the teacher being one of the most influential mediators in the reading training of the interviewees. Such information concretizes the influence and relevance of the teacher's performance in the classroom to form the literary reader, of course this role is not limited to him, since this mediation can be done at home, in an adult and child relationship, as well as with teachers who develop reading works, being also subject readers, librarians who guide the reading and also the library space, when well prepared to carry out the text. Before the data we can discuss the importance of mediation and practices of reading and also of the continuing education of teachers, since they are responsible for the student's reading training.

Key - words: Literature. Mediation. Reading training.

IMPORTÂNCIA DA LEITURA LITERÁRIA NA FORMAÇÃO DO LEITOR

Considerando os estudos de Vigotski (1996) e seus seguidores, mais especificamente a Teoria Histórico-Cultural, a qual subsidia a crença de que o sujeito terá a possibilidade de se desenvolver mais amplamente como um cidadão a partir da interação com seu meio social e os objetos sociais que reconhece e aprende a utilizar, o homem é um ser de natureza social e tudo o que tem de humano, provém da sua vida em sociedade, no seio da cultura criada pela humanidade” (LEONTIEV, 2004).

Isso se deve ao fato de que o homem, apesar de se enquadrar na categoria “ser-humano”, não nasce humanizado condição esta que perpassa por fatores como, aquisição da cultura, relações sociais e afetivas em diversas esferas. Ou seja, é num movimento de interação e mediação com os espaços, objetos e com outros seres humanos que ele será humanizado. A partir desta perspectiva torna-se possível vislumbrar e aqui defender a leitura mais precisamente a literária como forma de humanizar.

De acordo com Vigotski (1996, p.350) “o desenvolvimento da linguagem como meio de comunicação, como meio de compreensão da linguagem dos que a rodeiam, representa a linha central do desenvolvimento da criança” fator determinante para a distinção entre homens e animais. A teoria aponta que tal processo ocorre de modo que o indivíduo atinja suas funções psicológicas superiores. Sendo assim é considerável a importância de provocar ou estimular o sujeito para que este avance e alcance de forma mais eficiente as diferentes etapas e áreas do desenvolvimento.

Desse modo, ao refletirmos o papel da escola em formar cidadãos críticos e autônomos, nos encontramos e ocupamos um espaço, de *provocadores* deste desenvolvimento, em que a nós foi reservado pela própria função de formadores. Não se pode delimitar de quantas formas poderemos provocar o desenvolvimento, porém algumas são fundamentais e de modo algum podem ser ignoradas. Acreditamos que a leitura é uma delas, pois como afirma Góes (2010, p.47):

O desenvolvimento da leitura entre crianças resultará em um enriquecimento progressivo no campo dos valores morais, da cultura da linguagem e no campo racional. O hábito da leitura ajudará na formação da opinião e de um espírito crítico, principalmente a leitura de livros que formam o espírito crítico[...]

Ou seja, a leitura, é capaz de humanizar e possibilitar o desenvolvimento do fator linguagem o qual permitirá de forma mais efetiva um maior nível do pensamento reflexivo e estruturado em pilares como a criticidade e a percepção para além do evidente. Segundo Candido:

A literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial, que costuma vê-la ideologicamente como um veículo da tríade famosa, — o Verdadeiro, o Bom, o Belo, definidos conforme os interesses dos grupos dominantes, para reforço da sua concepção de vida. Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica (esta apoteose matreira do óbvio, novamente em grande voga), ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela, — com altos e baixos, luzes e sombras. (1972, p. 805)

Portanto a literatura na sua forma mais elaborada do campo da leitura, teria a função de humanizar, já que em sua essência expande a capacidade do homem viver em sociedade consciente de eu papel social como sujeito ético e moral.

Isto posto consideramos a importância da leitura literária para formação não apenas do leitor, mas do cidadão crítico, além disso temos como relevante os fatores que levam ao desenvolvimento da linguagem e vivências que propiciem experiências de sensibilidade. Sendo assim, defendemos que,

O contato inicial com a literatura não exige o domínio do código escrito. A experiência pré-escolar, geralmente, põe na bagagem infantil narrativas orais – clássicas e populares – versos, trava-línguas, adivinhas e muitas outras manifestações ricas em ludismo sonoro e semântico. Portanto, composições poéticas e ficção infantil, quando integradas ao programa dos anos iniciais da escolaridade, dão continuidade a uma experiência lingüística já iniciada, cuja importância reside em que a relação estabelecida, por meio dela, entre falante e língua, privilegia o lúdico e o afetivo. Trata-se, portanto, de uma experiência com a expressividade da língua (CADEMARTORI, 2010, p.72- 73).

Neste sentido Arena (2010, p. 39) também declara que “em especial, literatura infantil, não seria uma ação posterior à aprendizagem do ato de leitura, mas a própria e específica ação de apropriação desse ato cultural”. Daí a necessidade em inserir a literatura no cotidiano da criança desde a mais tenra idade, compreendesse então a importância do mediador de leitura, neste caso o professor.

PESQUISA: A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR MEDIADOR

No ano de 2015 se deu início a pesquisa “Leitura nas licenciaturas: espaços, materialidades e contextos na formação docente”, financiada pelo Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (PROCAD), cujo objeto principal foi analisar o perfil leitor dos alunos ingressantes nos cursos de licenciatura de Letras e Pedagogia apontando princípios, conhecimentos e ações pedagógicas para a formação de leitores na universidade como espaço privilegiado de mediação da leitura e de circulação de práticas de leitura. Fizeram parte da pesquisa quatro universidades brasileiras Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP, campus de Assis, Marília e de Presidente Prudente), Universidade de Passo Fundo (UPF) e Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). A partir deste contexto buscamos fazer um recorte desta pesquisa para discutir e apresentar os dados apontados com relação aos sujeitos mediadores de leitura no ambiente escolar, citados como sendo mais importante na formação destes leitores.

Partimos da aplicação de um questionário com 87 questões, abertas e fechadas, onde são solicitadas informações sobre o perfil social; leituras habituais; suporte, frequência e tempo de leitura; espaços e disposições físicas do ato de ler; dimensões valorizadas na leitura; preferências textuais; papel das instituições e mediadores de leitura e estratégias (antes, durante e após) de leitura. Foram sujeitos dessa coleta de dados 455 alunos ingressantes dos cursos de Pedagogia e Letras das universidades participantes. Nos limites deste trabalho investigativo focamos o papel dos mediadores de leitura conforme foram citados pelos sujeitos respondentes.

Para conhecimento do perfil dos entrevistados apresentaremos algumas questões pertinentes. A pesquisa nos permitiu constatar que dos 455 entrevistados, 82,4% eram do sexo feminino, 78% estavam na faixa etária entre os 18 e 23 anos. Quanto ao curso 51,2% eram alunos da Pedagogia e 48,6% do curso de Letras. Os que se consideram religiosos representaram 77,6% do total, destes 43,1% se dizem católicos e 14,9% evangélicos. Com relação ao percurso na Educação básica, 78,5% realizaram o Ensino Fundamental em rede pública e 78,7% afirmaram terem realizado o Ensino Médio também em rede pública. 57,8% afirmaram ter tido acesso regular em bibliotecas escolares, salas de leitura escolares ou espaços equivalentes.

Com relação aos mediadores de leitura que foram mais influentes para sua formação como leitor, os respondentes deveriam avaliar utilizando uma escala na qual atribuiriam valores: 1 para quem não foi nada importante, 2 para quem foi pouco importante, 3 para quem foi importante e 4 para quem foi muito importante. Abaixo podemos analisar a resposta referente a importância dada ao professor:

Quadro 1 – Professores como Mediadores
Frequência (número de respondentes)
Porcentual (porcentagem do número de respondentes)

	Frequência	Porcentual
Nada importante	6	1,3
Válido Pouco importante	29	6,4
Importante	80	17,6

Muito importante	329	72,3
Resposta inválida	3	,7
Em branco	8	1,8
Total	455	100,0

Fonte: Pesquisa Procad 2016

Observamos que 72,3% dos alunos participantes apresentaram o professor como sendo o mediador de leitura mais influente em sua vida escolar. Para que possamos ter uma maior visibilidade dessa importância, apresentaremos os outros mediadores de leitura no âmbito escolar e suas porcentagens: 12,7% autores/ilustradores que visitaram a escola; 13,2% bibliotecários; 15,4% colegas; 17,8% contadores de histórias.

Este dado concretiza a necessidade dos professores terem consciência desse papel para que possam guiar suas práticas no intuito de oferecerem possibilidade leitoras aos seus alunos,

O papel do/a professor/a compreende mais que oferecer estímulos, compreende, que conhecendo as regularidades do desenvolvimento infantil, ele/a ofereça às crianças um fazer que possibilite essa apropriação da cultura humana. O/a professor/a tem o papel de ser o/a parceiro/a mais experiente que conhece a cultura humana elaborada e efetivamente a usa em seu convívio com os pequenos. (SILVA; CHEVBOTAR, p. 68, 2016)

A partir destas análises buscamos, a seguir, colaborar para uma reflexão e também propor uma prática pedagógica com o intuito de proporcionar aos alunos experiências com o mundo literário.

COMPARTILHANDO CONHECIMENTO: UMA PROPOSTA DE MEDIAÇÃO DE LEITURA

Quando pensamos na aquisição da linguagem, o trabalho com a literatura infantil apresenta-se como necessário, pois a criança aprende aquilo que lhe está acessível, uma vez que sua condição biológica limita a sua atuação social. Podemos pensar que, portanto, os livros devem ser levados à criança, mostrados e lidos, assim como suas histórias devem ser contadas e dramatizadas, teatralizadas, pois, através dessa prática, a criança entrará em contato com o objeto cultural livro, assim como com os seus conteúdos, formas, textos e contextos, potencializando o seu processo de aprendizagem e, simultaneamente, o seu desenvolvimento.

Tendo em vista as vivências nas atividades, realizadas no CELLIJ – Centro de Estudos em Leitura e Literatura Infantil e Juvenil “Maria Betty Coelho Silva”, dentre elas o projeto “A Hora do Conto”, sob orientação da Professora Dr. Renata Junqueira de Souza, nos propomos debater brevemente o que aqui estamos chamando de práticas de leitura.

Para além das pesquisas de Iniciação Científica (I.C), por exemplo, ou dos resultados obtidos através dos estudos e dos diversos projetos desenvolvidos no CELLIJ, é possível que, num movimento reflexivo entre discussões teóricas e práticas, todos os envolvidos nestes processos (professores em prática, mestrandos, doutorandos,

graduandos/futuros professores) ampliem os olhares, de modo preciso, a possíveis práticas de incentivo à leitura que o professor atuante pode realizar em sala de aula.

Esse exercício gerado no interior de uma Universidade expressa sua relevância por não se tratar apenas de acumular conhecimento científico e expô-los em eventos sem devolver a sociedade suas devidas contribuições como instituição formadora e divulgadora do saber. Acreditamos que, assim como as teorias, sugestões de práticas se fazem importantes no auxílio ao trabalho do professor que não deve tomar a ideia para si como algo ser seguido à risca de modo rígido e engessado.

Por conseguinte, frente aos dados da pesquisa, apontados anteriormente, é impossível conter a inquietude e o inconformismo de que ainda assim a escola muitas vezes ignora o peso de sua atuação no que diz respeito à aquisição da cultura, e aqui restritamente falando de literatura, por parte dos sujeitos que nela passam boa parte de suas vidas, pois infelizmente:

A literatura em âmbito escolar tem sido utilizada como mecanismos nada atraentes para o aluno gostar de ler, porque a escola com sua organização e o professor com sua metodologia, têm colocado o aluno cada vez mais distante dessas práticas, não havendo nenhum incentivo à leitura. O grande desafio é promover estratégias de escolarização mais adequada para a literatura e para leitura. (SOARES, 2001 p.31).

Desse modo pretendemos aqui apresentar a contação de histórias acompanhada do uso de algumas estratégias como mais uma proposta contribuinte aos esforços principalmente dos professores, sendo eles um dos mais influentes mediadores, para a formação de leitores literários.

No CELLIJ dentre tantos outros projetos, especificamente no projeto “A hora do Conto”, realizamos o atendimento a crianças da rede municipal de ensino e a partir dos estudos de autores como Coelho (2001), Solé (1998), Giroto e Souza (2010) entre outros, desenvolvemos práticas de contações de histórias, realizadas na BIP - Biblioteca Infantil de Presidente Prudente.

Os autores mencionados contribuem de forma relevante o pensar as práticas de leitura realizadas em sala de aula, mais precisamente Solé (1998) e Giroto e Souza (2010), ao apresentarem estratégias de leituras, as quais foram adaptadas para “momentos” que ocorrem durante o período de atendimento, portanto toda a atividade é pensada em três momentos “Antes, durante e após” a contação.

Considerando então a estratégia “**Antes da leitura**”, a qual tem por objetivo que as crianças ativem seus conhecimentos prévios e elaborem suas hipóteses sobre o texto (SOLÉ, 1998), aqui a chamaremos de “antes da contação”. O mais importante neste momento é instigar o interesse do sujeito para a atividade, neste caso a contação de histórias, o propósito é que elaborem hipóteses sobre a história a ser contada. Além disso é preciso motivar a criança e possuir um objetivo para o trabalho com a leitura (SOLÉ, 1998).

Para tanto, estabelecer objetivos, é fundamental, pois as ações, tanto do mediador quanto das crianças, se darão em função deles. O grupo de contadores objetiva proporcionar aos pequenos, experiências prazerosas no contato com o mundo da leitura e literatura.

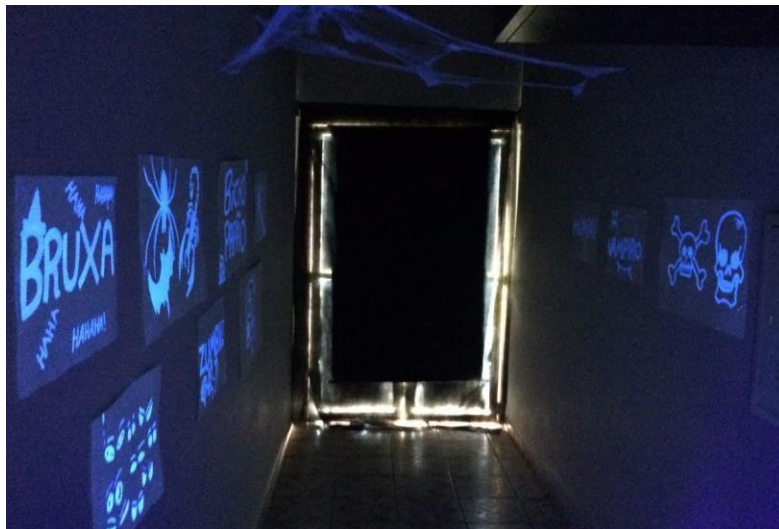
Adotamos um corredor, que dá acesso a sala de contação, o qual denominamos “corredor da inferência”. As histórias escolhidas estão relacionadas ao tema escolhido pelo grupo, por exemplo, “amizade”, “terror” etc.; mediante a escolha, selecionamos as histórias e decoramos tanto o corredor quanto o espaço que se passará as histórias e também a BIP, com elementos que remetam às histórias e ao tema. Sendo assim, antes de

iniciarmos a contação as crianças passam pelo corredor, considerado o principal aspecto do momento “**Antes da Contação**” já que neste espaço, além de possibilitar o interesse pela história a criança tem a oportunidade de inferir, por exemplo, sobre o que ouvirão e/ou qual temática será abordada.

Em se tratando de inferência é também mais uma estratégia que o professor pode explorar. Esta se trata de ler nas entrelinhas, ou seja, uma conclusão dedução sobre determinada coisa exigirá uma interpretação. (GIROTTO e SOUZA, 2010)

As imagens abaixo retratam o “corredor da inferência” em algumas de nossas contações com os elementos pensados de acordo com as temáticas das histórias.

1. Corredor da inferência



Fonte: CELLIJ (2017)

Posterior a passagem dos estudantes pelo corredor adentramos a sala de contação onde estabelecemos uma conversa sobre as percepções que tiveram no corredor, momento em que muitas vezes eles também estabelecem *conexões*, processo pelo qual o sujeito ativa seu conhecimento prévio na construção e conexão com novos conhecimentos. Neste sentido é resgatar da memória fatos e experiências de sua vida cotidiana, outros textos com os quais teve contato ou até de vivências de cunho social de fatos que ocorrem em seu país, estado, cidade (conexão texto-leitor, conexão texto-texto e conexão texto-mundo) (GIROTTO e SOUZA, 2010).

2. Sala de contação



Fonte: CELLIJ (2017)

3. Sala de contação



Fonte: CELLIJ 2017

Ao finalizar a conversa contamos as histórias e então partimos para o momento “**Durante a Leitura**” (SOLÉ, 1998), que aqui fora adaptado para “**Durante a contação**”. Na verdade este momento ocorre logo após o fim da leitura ou contação de histórias, neste instante as crianças têm oportunidade de contar suas próprias histórias nos possibilitando

também a captar as relações que fizeram com as histórias ouvidas. O propósito é trabalhar a estratégia de **síntese** que está além de resumir um texto, pois o leitor/ouvinte uni as principais informações do texto – contado- às suas próprias impressões, ou seja, recriando o texto e se desenvolvendo um, processo de formação crítica (GIROTTI e SOUZA, 2010).

E por fim o momento “após a leitura” analisar e identificar de que forma as crianças organizaram as informações sobre o texto, além disso, poderemos verificar se a criança expressará a ideia principal do livro (SOLÉ,1998), ou “após a contação” que aconteceu na BIP com um jogo de adivinhas com rimas de monstros referente a temática de terror, já que na própria “atividade de durante a contação” pudemos detectar de que forma as crianças compreenderam toda aquela vivência.

A partir então de todas estas práticas e sob a reflexão de que o professor, sendo ele um dos mais importantes mediadores, necessita possuir em seu repertório diferentes estratégias para melhor desenvolver seu trabalho em sala de aula, desenvolveremos uma proposta sugestiva ao professor no planejamento destes três momentos acima descritos.

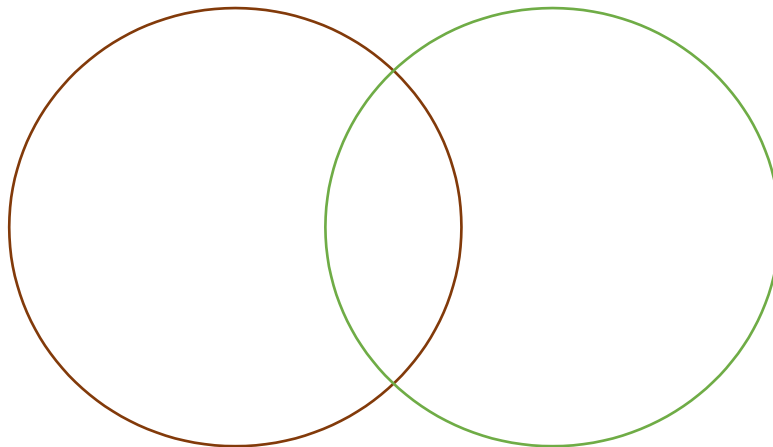
Como tudo o que se faz dentro de uma sala de aula deve ter planejamento neste caso não é diferente, pois antes mesmo de contar uma história e preciso **escolher/estudar** e “estudar a história é ainda escolher a melhor forma ou o recurso mais adequado de apresentá-la” (COELHO, 2001, p. 31). Após este primeiro momento a atividades ocorrerão em três dias da seguinte forma:

1º dia: o professor o professor ainda não contará a história e colocará em prática o momento “antes” conforme os objetivos baseados em (SOLÉ, 1998). Nossa sugestão é que neste primeiro dia o professor leve, por exemplo, uma cesta (cesta literária) com objetos que remetam as crianças à história, neste momento o professor já trabalha a estratégia de inferência, já que os pequenos podem inferir que história será, quais serão os personagens, ou seja, eles poderão criar hipóteses as quais serão confirmadas ou não no 2º dia.

É interessante que o professor anote num quadro ou papel pardo, por exemplo, as hipóteses da classe e no segundo dia confirmem juntas aquelas hipóteses após terem ouvido a história.

2º dia: Neste dia após retomar as hipóteses do dia anterior o professor realizará a contação, momento em que os estudantes já terão a oportunidade de confirmá-las ou não, sendo possível até uma maior interação com o texto contado. Ao terminar a história a ideia é que se faça um, por exemplo, um gráfico organizador dependo da história.

Quadro 1: Gráfico organizador



Um exemplo é a história de “Cachinhos dourados e os três ursos” (BELLINGHAUSEN, 2006) em que Renata Junqueira de Sousa em uma de suas pesquisas fez este quadro no qual as crianças deveriam apontar coisas positivas e negativa que a Cachinhos fez, ao pontuarem os aspectos negativo as crianças apontaram: ela entrou sem ser convidada; comeu o mingau; quebrou a cadeira e a cama. Mas surpreenderam ao apontar nos aspectos positivos que ela bateu na porta antes de entrar, tal observação nos revela que a criança houve a compreensão do texto e ainda que a criança se posiciona sobre o mesmo, ou seja, está realizando a estratégia de síntese (GIROTTI e SOUZA, 2010).

3º dia: este é o momento “após a contação”. Aqui o professor pode pensar atividades estratégicas, como um reconto da história ou redação, de subsídio a uma possível avaliação tanto de sua própria prática como também do nível de apropriação que os alunos tiveram durante as atividades. No entanto se faz necessário lembrar que a avaliação será continua de modo que a partir o cartaz com as hipóteses dos estudantes, o gráfico organizador junto ao reconto e a redação, por exemplo o professor poderá analisar as respostas dos alunos, ou seja os dados, em cada etapa da das estratégias e assim poderá constatar se seus objetivos foram ou não contemplados.

CONCLUSÃO

A prática da leitura, quando bem elaborada e refletida, oferece ao aluno leitor a possibilidade de se tornar um cidadão ativo, já que, dessa forma, ela se torna uma “atividade de questionamento, conscientização e libertação” (SILVA, 1997, p.46). Ainda de acordo com Colomer e Camps (2002, p.48),

[...] o leitor deve possuir conhecimentos de tipo muito variados para poder abordar com êxito sua leitura. A compreensão do texto é muito determinada por sua capacidade de escolher e de ativar todos os esquemas de conhecimento pertinentes a um texto completo.

Isso nos faz compreender que o mediador tem o papel de proporcionar uma leitura que vá além da capacidade de decodificação, pois, para que o leitor tenha autonomia, tornando-a eficaz e com sentido, lhe será necessário possuir certos conhecimentos, como, ativar conhecimentos prévios, definir uma intenção para a leitura, construir significados... (COLOMER; CAMPS, 2002)

Compreendemos a importância do mediador de leitura, neste caso o professor, em oferecer constantemente aos seus alunos, as ferramentas necessárias, além das diversas possibilidades de leitura, na formação desse leitor proficiente.

Desta forma, esperamos com este artigo colaborar para reflexões sobre a importância do professor mediador, ativo, leitor e reflexivo para com seus alunos, bem como ter auxiliado com uma sugestão de prática de leitura.

REFERÊNCIAS:

ARENA, D. B. A literatura infantil como produção cultural e como instrumento de iniciação da criança no mundo da cultura escrita. In: SOUZA, R. J. (et all.) **Ler e Compreender: estratégias de leitura**. Campinas, SP: Mercado Letras, 2010, p. 13-44.

BELLINGHAUSEN, I. B Cachinhos Dourados e os Três Ursos. ed. São Paulo: DCL, 2006.

CADEMARTORI, L. **O que é literatura infantil**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.

CANDIDO. A. **A literatura e a formação do homem**. Ciência e Cultura, São Paulo, v.24, n.9, p.803-809, set.1972.

COELHO, B. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo, 2001.

COLOMER, T.; CAMPS, A. **Ensinar a ler e ensinar a compreender**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MOTOYAMA, J. F. M.; SANTOS, I. D., SILVA, G. G. Mediadores para além do ambiente escolar: o que nos dizem acadêmicos de Pedagogia e Letras. In: FEBA, B. L. T.; SOUZA, R. J. de. (Org.). **Mediação de leitura: espaços e perspectivas na formação docente**. Tubarão: Copiart, 2017. p. 12-44

GIROTTO, C. G. S.; SOUZA, R. J. Estratégias de Leitura: Para ensinar alunos a compreender o que leem. In: _____ **Ler e compreender: estratégias de leitura**. 1º ed. Mercado das Letras, p. 45-114, 2010.

GÓES, L. P. **Introdução à Literatura para crianças e jovens**. São Paulo: Paulinas, 2010.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 2004.

SILVA, A. L. R.; CHEVBOTAR, A. E. A. Os bebês e os livros: a comunicação afetiva. In: GIROTTO C. G. G. S.; SOUZA, R. J. **Leitura e educação infantil: livros, imagens e práticas de leitura**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2016.

SILVA, E. T. **Leitura e realidade brasileira**. 5. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

SILVA, I. M. M. **Literatura em sala de aula: da teoria literária a prática escolar**. Anais do Evento PG Letras. 30 Anos, vol. I (1): 514-527. Disponível em: <<https://pibidespanholuefs.files.wordpress.com/2015/07/texto-para-o-encontro-de-amanhc3a3.pdf>>. Acesso em 20 de novembro de 2017.

SOARES, M. A escolarização da leitura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, A. A. M. BRANDÃO, H. M. B. MACHADO, M. Z. V. (org) **A escolarização da leitura literária: O jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2. Ed. 2001. Pt. 1: cap. 1 17-48.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Editora Artmed, 1998.

VYGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas**. Vol. IV. Madrid: Visor, 1996.